

# ACHEGAS PARA UMA BIOGRAFIA :

## AMORIM DE CARVALHO

Por

*Júlio Amorim de Carvalho*

Amorim de Carvalho, de seu nome completo José Maria Caldas de Matos Amorim de Carvalho, nasceu numa casa, com o n.º 224, da rua da Senhora da Luz, na freguesia de São João da Foz do Douro, na cidade do Porto, aos 17 dias do mês de janeiro do ano de 1904, sendo baptizado na mesma freguesia a 28 de agosto de 1905. Era filho legítimo de Júlio Diniz Amorim de Carvalho (1872-1944)<sup>1</sup>, natural do Pezo da Regoa, e de sua mulher Maria Cândida Caldas de Matos (1874-1944), natural do Porto; pelo lado materno, era bisneto do poeta António Pinheiro Caldas (1824-1877)<sup>2</sup>.

Não pretendemos dar uma biografia exaustiva de Amorim de Carvalho que poderá ser reconstituída a partir dos elementos de informação, numerosos e acessíveis, que se encontram no Arquivo e na Biblioteca da Casa que tem o nome do escritor. Indicaremos, sobretudo, alguns factos pouco ou nada conhecidos, que possam ter um significado para a interpretação da sua vida e da sua obra, ou que nos foram transmitidos pelo filósofo nos diálogos que entre nós se estabeleciam ou de que tomámos conhecimento no contacto estreito que com ele mantivemos.

Foi o penúltimo filho duma numerosa progeneritura<sup>3</sup>. O nome de baptismo – José – não era já propriamente tradicional na família. É preciso subir à terceira geração para encontrar este nome num tio-avô, e até à quarta geração para o encontrar, de novo, em dois tios-bisavós. Não só a vontade da mãe em querer homenagear São José, mas talvez, também, o facto da criança ter nascido apenas dez meses e alguns dias depois da morte da sua bisavó Cândida Carolina Mourão (1827-1903), irmã de José António Mourão (1824- ?) – pertencentes a um ramo da família muito lembrado e enaltecido –, explicarão a escolha daquele nome. Mas o nome de Maria, junto mais tarde ao do baptismo, denota a vontade de invocar a Virgem como protectora do filho (como aconteceu, aliás, para com alguns dos seus irmãos). Estranho é, no entanto, para uma mãe católica convicta, e livre – que o era – de manifestar os seus sentimentos religiosos, o baptismo tardio deste seu filho: um ano e sete meses após a data do nascimento. Amorim de Carvalho explicava que o atraso em lhe ser dado esse sacramento, fôra motivado por uma alergia da pele que o afectara na altura do nascimento e que perdurara; é certamente esta a razão, mas não descartamos, claramente, a razão desta razão. Foram padrinhos de baptismo, por procuração, José Pereira Pinto dos Santos e sua mulher, tia da criança, Maria Leopoldina Amorim de Carvalho, cujos nomes não cremos terem influenciado a escolha do nome do afilhado.

A mãe deu-lhe a formação religiosa; foi com ela que a criança aprendeu e fêz as suas primeiras orações. Também o ensinou a ler, a escrever e a contar. Desta época da infância, guardou, para sempre, lembranças de infinita suavidade e recordações imperecíveis da mãe por quem ressentia um amor que raiava a adoração religiosa. Quando ela morreu – transe a que assistiu – cortou um anel dos seus cabelos que o acompanhou toda a sua vida. Em 1945, poucos meses após o desaparecimento da mãe, assim se exprime ele, ao dedicar à memória dos pais o seu livro sobre Guerra Junqueiro<sup>4</sup>: « À memória inesquecível do meu querido pai,

[...], com os olhos postos no exemplo da sua firmeza moral e do seu heroísmo na luta da vida; e à memória sagrada de minha santa mãe, [...], de quem colhi o derradeiro olhar e o derradeiro alento, na hora suprema e última em que descri de tudo, para só crer no seu amor que nunca mais esquecerei ».

O pai, farmacêutico, diplomado pela Escola Médica do Porto, foi proprietário, nesta cidade, de vários laboratórios e farmácias; sua mulher herdara alguns prédios, no Porto, que foram vendidos em períodos financeiramente difíceis para a família, que alternaram com fases de prosperidade durante as quais não se teve demasiada preocupação em economizar, tendo a família uma existência mais dispendiosa.

A vida escolar do futuro escritor foi perturbadíssima, instável, já pelas dificuldades financeiras que – como dissemos – assoberbariam intermitentemente a numerosa família a que pertencia, já pelas mudanças constantes de residência (em parte motivadas por aquelas alterações económicas). Poucos vestígios ficaram desse período, durante o qual o futuro escritor residiu ora na Foz do Douro ora em Matosinhos. O mar – em contacto com o qual viveu permanentemente na infância e durante grande parte da sua vida – exerceu poderosa atracção sobre a sua sensibilidade: o mar tempestuoso – tão frequente nessas costas, que ele fixou nalguns dos seus quadros, e que palmilhava com imenso prazer desde a Boa Nova, de Leça, até à Foz do Douro<sup>5</sup> –, esse mar tempestuoso, lembramo-nos de o ver, em companhia de Amorim de Carvalho que (levando-nos atrás de si) ia admirar as ondas furiosas que bramiam e chicoteavam os rochedos e os molhes com incrível violência. Esta sedução pelo mar durar-lhe-ia toda a vida: entre 1954 e 1963, acalentaria o sonho de comprar uma casinha « mesmo sôbre o oceano, nas Azenhas do Mar », na região de Lisboa, cidade onde residia – mas foi um sonho irrealizado por falta de meios. Mais tarde, residindo já em França, alguns dos seus passeios preferidos iriam ser para aquelas costas de mar agitado, como as da Bretanha, da Normandia e do Norte do país<sup>6</sup>.

Outro lugar que também exerceu, no espírito do escritor, uma fortíssima atracção, foi a Casa do Muradal com as terras que a ela pertenciam e a região de Cambra, onde se situa aquela Casa nobre que era, em parte, propriedade de Maria Amélia Coutinho Camossa Saldanha, mulher de seu irmão Mário António. Nessa Casa passou Amorim de Carvalho, ainda solteiro, largas temporadas: dela e da campanha próxima, guardou ele imperecíveis recordações evocadas sempre pelo escritor com a maior saudade<sup>7</sup>. Como bem escreveu João Manuel Amorim de Carvalho Borges num excelente estudo genealógico<sup>8</sup>, a Casa do Muradal foi fonte de inspiração para Amorim de Carvalho; cremos mesmo que o pouco que há em evocações rurais na poesia e na novelística deste escritor, vem quase exclusivamente de sua intensa vivência no Muradal, em Macieira de Cambra, Casa e região que ele imensamente amou.

Não frequentou, como dizíamos, a escola, senão muito irregularmente. Mas estudou em casa e com afinco. Estudos secundários, não os concluiu, tendo no entanto adquirido conhecimentos de grego, e aprofundado o latim, o francês e o inglês, começando por possuir nesta língua uma preparação superior à da língua francesa: cedo se interessou pela literatura de expressão inglesa e, desde muito novo, pela obra poética, por exemplo, de Edgar Poë, de quem veio a traduzir *The raven*; aliás, a mais bela tradução deste poema para português e – que nós saibamos – para uma qualquer língua neo-latina é, sem dúvida, a de Amorim de Carvalho. Lia também correntemente o castelhano, o italiano, o provençal, o catalão e os dialectos neo-latinos medievais, inclusivamente nas suas formas poéticas. Na instrução primária, frequentou (com o seu irmão Álvaro) o Colegio da Beira-Mar (na rua Conde Alto Mearim, em Matosinhos), dirigido por José Teixeira Rêgo<sup>9</sup> e, além de outros estabelecimentos de ensino, a Escola Anglo-Latina do mesmo José Teixeira Rêgo. Este pensador explicava ao jovem Amorim de Carvalho a significação do nome dado à Escola, pelo que, para ele, representavam as civilizações inglesa e latina (na latina incluía a grega que fôra assimilada,

conservada e divulgada por aquela), sem as quais – concluía Teixeira Rêgo – «não valeria a pena existir». Um dos primeiros aprofundamentos da sua cultura nos domínios científico e filosófico, recebeu-o Amorim de Carvalho na colecção «Bibliothèque de Philosophie Scientifique» cujos volumes – avidamente lidos – lhe eram frequentemente emprestados por Teixeira Rêgo. Sem podermos indicar datas com precisão, diremos, no entanto, que será da época destas leituras o progressivo predominar, no futuro escritor, da língua e cultura francesa sobre a inglesa.

Mas seria por Bazilio Telles que Amorim de Carvalho iria, mais tarde, demonstrar a maior admiração intelectual e moral. Bazilio Telles apreciava dialogar com ele, porque ele «sabia ouvir», sendo esta atitude uma condição para o diálogo proveitoso e intelectualmente formador. Foi, no entanto, sobretudo, a admiração moral pelo pensador materialista e «anti-semitista intransigente», que tomou no espírito de Amorim de Carvalho uma dimensão muito especial. A referência ao carácter de Bazilio Telles, foi uma constante ao longo da existência, tanto em conversas como nos seus escritos. Há inegavelmente uma linha de filiação psicológica, moral e intelectual que vai de Alexandre Herculano, por Bazilio Telles, para Amorim de Carvalho<sup>10</sup>. cremos que essa admiração pela personalidade e pelo carácter de Bazilio, o marcou tão fortemente que contribuiu para reforçar a formação moral recebida dos pais e modelar o espírito de Amorim de Carvalho, determinando nele, naturalmente, a tomada de certas posições e atitudes: a valorização máxima da independência moral, da firmeza do carácter, do sentimento da honra e da honestidade intelectual – sem o que, tudo o mais, inclusive qualquer apostolado, como diz, algures, o escritor, redundará numa mistificação sem efectivo sentido de valor humano. Mas a admiração intelectual e moral pelo publicista republicano impregnado de germanofilia, não resultou numa influência qualquer da obra de Bazilio Telles sobre o pensamento de Amorim de Carvalho – como uma análise superficial poderia erroneamente levar a afirmar.

Na adolescência, perdeu a fé religiosa. No entanto, em um ou outro trabalho seu, e em conversas, ao evocar, já na maturidade intelectual, a experiência mística, a fé ou a conversão religiosas, não as desvaloriza nelas mesmas<sup>11</sup>. Fortemente individualista, sustentava a necessidade do respeito pela integridade física e moral da pessoa, desde a concepção até, mesmo, depois da morte.

A formação inicial, nos aspectos político e social, poder-se-á resumir num republicanismo de tendência democrática e liberal. As pessoas que criavam o ambiente que directamente o envolvia mantinham, no entanto, uma atitude claramente crítica em relação ao funcionamento das instituições políticas portuguesas da época: o pai (que, dizendo-se «bazilista»<sup>12</sup>, viu com bons olhos a regeneração e a pacificação surgidas do movimento de 28 de maio); o tio António Amorim de Carvalho (1870-? em Timor) (que, deputado à Assembleia Constituinte de 1911 e membro da maçonaria, ligar-se-ia a Sidónio Pais, embora nunca aderisse ao regime que saíria da Revolução Nacional de 1926<sup>13</sup>); e Bazilio Telles (favorável a uma ditadura revolucionária «para consolidar a República» – dizia-nos Amorim de Carvalho). A massificação progressiva das chamadas democracias ocidentais, levou-o, mais tarde, a uma visão diferente, rectificadora da dos tempos da juventude<sup>14</sup>. Beneficiara Amorim de Carvalho de um relacionamento com familiares e amigos que alargaram significativamente o seu horizonte intelectual: desde o materialismo helenista de Bazilio Telles ao evolucionismo dum Teixeira Rêgo preocupado com a história das religiões e o metapsiquismo; do catolicismo sereno da mãe (neta do delicado poeta ultra-romântico António Pinheiro Caldas, muito lembrado na família) ao bazilismo do pai; do monarquismo miguelista de Arnaldo Osório<sup>15</sup> ao vigoroso militantismo republicano do tio António Amorim de Carvalho e às inquietações económicas e sociais de outro tio, Manuel Maria Caldas de Matos (1886-1933)<sup>16</sup> que foi, até morrer, um dos familiares mais próximos, intelectualmente, de Amorim de Carvalho. Encontrou também, o futuro escritor, o aristocratismo dos Mourões-

-Caldas de Matos (da sua ascendência materna) aliado ao burguesismo da família do pai. E talvez tenha ele herdado dos Amorins aquele vigor e orgulho – tão espanhóis – que manifestou na afirmação e na defesa das suas ideias e dos seus ideais.

Os primeiros escritos publicados, de Amorim de Carvalho, foram-no em jornais editados em Matosinhos, como «O Badalo», «O Piparote», etc.

Em 1927, publicou Amorim de Carvalho (com a ajuda financeira de Arnaldo Osório, seu grande amigo da juventude), o primeiro livro: *Bárbaros* (edição do Autor), colectânea de sonetos, no gôsto parnasiano, de temas exóticos, compostos em 1926, com um prefácio de José Teixeira Rêgo; tinha o Autor 23 anos de idade. Os finais desta década e os começos dos anos trinta foram, para o poeta, um período de dandismo em que ele, de cabelos claros, pele branca e sardenta, usava bengala e se esmerava em pôr em relêvo o elegante recorte nórdico, anglicizado, do seu aspecto físico. Seriam ainda, em parte, vestígios da sua primacial atenção pela língua e cultura inglesa. Vinha, certamente, já desta época – e talvez até de antes – o seu anti-semitismo e arianismo: o que de melhor o homem realizou, foi-o pelos ramos ocidentais dos povos arianos – expressar-se-nos-ia ele, posteriormente, mais ou menos, nestes termos. Esse arianismo (que aparecerá mais em filigrana e em plano de fundo nas suas posições filosóficas do que explicitamente valorizado) entra em aparente conflito com a atracção, puramente sensual ou poética, pela mulher de côr (vid., por exemplo, o poema *Angolana*) ou por outras raças (vid. o poema *Paz*). É incontestavelmente marcante, na sua obra, a valorização da cultura ocidental.

A partir da publicação do seu primeiro livro, poderá considerar-se que a biografia de Amorim de Carvalho está estreitamente subordinada à realização da sua vastíssima obra – na poesia, na crítica literária, no pensamento filosófico – e ao papel que ele desempenhou na vida cultural portuguesa. Foi uma acção parcialmente polémica e combativa. Mas a sua obra poética, e a sua crítica literária com fundamentação científica e filosófica, apontavam já, no entanto, para um pensamento filosófico sistematizado que posteriormente explicitar-se-ia. Acção combativa, dizíamos, com efeito, numa luta contra as deslealdades e as turpitudes do ambiente intelectual português (vejam-se, por exemplo, os casos das revistas «Seara Nova», de Lisboa, «Pensamento» e «Portucal», do Porto, e o do jornal «O Diabo», de Lisboa); polémica e combativa ainda, na crítica, orientadora e pedagógica, de oposição à decadência do que se convencionou chamar o «modernismo», na literatura; e de rectificação do que era sustentado pelo grupo da chamada «filosofia portuguesa».

Como dissemos, a primeira sistematização do seu pensamento surge, precocemente, no começo da década de trinta, sobretudo no domínio da estética, mas já, aí, alicerçada naqueles fundamentos, explícitos ou implícitos, que vão permanecer e presidir à diversificação desse pensamento, ao seu alargamento a outras perspectivas ou a outros sectores do conhecimento. E não se poderá honestamente historiar a literatura do século XX em Portugal sem se ter em conta os estudos de crítica objectiva – o que era novo no país – da autoria de Amorim de Carvalho; nem se poderá, mais particularmente, dar um panorama válido da poesia portuguesa da mesma época sem se considerar a sua originalíssima obra poética<sup>17</sup> que se fundamenta numa estética que não foi a dos modernistas, nem a dos seus mentores e críticos que não tiveram a preparação científica nem filosófica de Amorim de Carvalho<sup>18</sup>. Não existe, por exemplo, como ele próprio afirmou, em qualquer país latino, uma teoria da versificação inovadora e actualizada, como a que foi exposta, por Amorim de Carvalho, a partir dos anos trinta, e sistematizada, com objectividade e sensibilidade poética, nos seus diversos e exaustivos estudos sobre essa matéria.

Mas tudo isso foi deslealmente atacado, primeiro, e, depois, silenciado, no mesquinho ambiente moral e mental português, pelos homens da «cultura intervalar» (Fidelino de Figueiredo): «falsas elites» ou «elites decaídas» (Amorim de Carvalho) que se arvoravam em orientadoras de opinião duma e para uma «contra-cultura» (Jean-Louis Harouel), utilizando as

técnicas modernas da propaganda organizada, o elogio mútuo, a censura interna na imprensa e o controle sectário das casas editoriais, das fundações, das instituições públicas, das entidades chamadas culturais. Porque, dirá Harouel, referindo-se à época aqui evocada, «les avant-gardes [como certos movimentos de pensamento marcadamente gregário, acrescentamos nós] se sont largement inspirées des méthodes révolutionnaires: noyautage, action sur l'opinion, techniques de prise du pouvoir»<sup>19</sup>. Assim, a tática adoptada pelos opositores a Amorim de Carvalho foi, até aos finais dos anos trinta, a do ataque violento e do insulto na imprensa que lhes era afectada; no entanto, a partir daquela data, tomaram o partido, salvo raras excepções, de sistematicamente silenciar o nome do notável poeta, esteta e polemista. Mas este detinha ainda uma tribuna em que podia expor e defender as suas ideias estéticas e filosóficas: era a revista «Portucal». Será, pois, neste contexto que, em 1946, se dará, no Porto, um acontecimento grave da vida literária portuguesa: foi o assalto àquela revista, narrado, com toda a clareza, nos dois primeiros fascículos da revista «Prometeu» fundada, efectivamente, por Amorim de Carvalho para «continuar a obra de cultura» da antiga e prestigiosa publicação. O assalto foi perpetrado por uma verdadeira associação de malfeitores constituída pela «tríade»: Veiga Pires-João Pina de Moraes-Sebastião Pestana<sup>20</sup>. Disse-nos Amorim de Carvalho ter ele a íntima convicção que fôra um «*mot d'ordre* da maçonaria» que desencadeara o assalto à «Portucal». O processo instaurado contra os espoliadores não andou para a frente, como frequentemente acontece, por o queixoso não possuir suficientes meios financeiros para derretê-los numa acção judicial que se torna, muitas vezes, ronqueira e desgastante – sabe lá Deus se, até, por influências subterrâneas... Para que fique definitivamente claro no espírito dos leitores, aproveita-se a oportunidade para esclarecer que — com excepção do nome de Amorim de Carvalho — todos os outros que aparecem nas capas dos fascículos da revista «Prometeu» como Director, membro do Corpo Directivo e Secretário da Redacção, são meras formalidades legais: a revista «Prometeu» foi, de facto, material e espiritualmente, fundada por aquele escritor; todos os artigos, notas e comentários não assinados (exceptuando os resumos redigidos em francês), ou atribuídos à Redacção ou assinados «A. de C.» e «F. L.» são da exclusiva autoria de Amorim de Carvalho. Ora aconteceu que Kol d'Alvarenga (juridicamente director e coproprietário desta revista, fundada, como dissemos, para continuar a antiga «Portucal»), não podendo ombrear com Amorim de Carvalho na capacidade criadora que este escritor possuía, e sentindo-se, conseqüentemente, inferiorizado na nova «Prometeu», propôs, para anular essa desigualdade intelectual, que os directores não colaborassem na revista, — o que foi regeitado, frontalmente, por Amorim de Carvalho. Perante tais divergências, contra-propôs, lealmente, Amorim de Carvalho, a Kol d'Alvarenga, que este ficasse com a inteira responsabilidade da revista ou — se não o desejasse — que ele, e apenas ele, Amorim de Carvalho, assumiria *de jure* essa responsabilidade. Foi essa a razão que levou Kol d'Alvarenga a abandonar a direcção (e a propriedade) de «Prometeu» que se tornou, de facto e de direito, a revista de Amorim de Carvalho, com a marcada coloração estética e filosófica que este lhe imprimia desde o primeiro número.

Nesse ambiente, as conseqüências tinham que ser, no conjunto, dolorosas para o ilustre intelectual portuense: eliminou-se sistematicamente o nome de Amorim de Carvalho dos dicionários e das histórias da literatura, como autor (esteta, crítico e poeta) e como colaborador; era, no entanto, por demais evidente ser este escritor a única competência e o especialista em muitos dos assuntos tratados naquelas obras, pela pertinência e pela originalidade das suas teses. Ficavam bem patentes o miserável sectarismo que imperava no país (e porventura a crassa ignorância de alguns pretensos intelectuais portugueses), a ausência total de espírito científico, a tal tragicomédia aonde se tem afundado o país (como dizia Amorim de Carvalho), e a premeditada e pertinaz oposição ao seu nome. Mas estas coisas, um dia ou outro, terão que voltar a ser postas em evidência, responsabilizando,

desmistificando mediocridades morais e mentais. Amorim de Carvalho estava plenamente consciente do cêrco que se lhe fazia. Escreverá ele mais tarde: «É inútil o leitor procurar nas antologias e nas histórias literárias e nos panoramas do meu tempo, o meu nome de poeta e crítico. [...] os historiadores da literatura e os pseudocríticos dos jornais fizeram calar ou esconder o meu nome. Amanhã elaborar-se-á o balanço sério de tudo isso»<sup>21</sup>, – pelos melhores espíritos, certamente, dentro deste conceito de *aristos* no qual Amorim de Carvalho associava à qualidade intelectual, a superioridade moral. Mas aquela mesquinha, anti-científica e anti-filosófica mentalidade, a que já se fez referência, tem perdurado num país que experimenta, hoje, grave crise da inteligência, enaltecendo uma literatura medíocre, sustentando uma «anomia estética» sem significação ontológica, promovendo sem vergonha o elogio mútuo, e impondo uma implacável censura aos autores que lhe são contrários, – numa vasta arlequinada que continua tomando conta da imprensa, da edição, da sebenta universitária e das instituições ditas culturais. É que, como já tivemos ocasião de explicar em outro trabalho<sup>22</sup>, a valorização da poesia e das posições estético-filosóficas de Amorim de Carvalho redundaria na desvalorização implícita daquela pseudo-estética que, com métodos já nossos conhecidos, tem-se pretendido propagandear no país e no estrangeiro; e o simples facto de se citar Amorim de Carvalho será já traição e falha imperdoável no muro de silêncio premeditadamente levantado e mantido à volta do seu nome<sup>23</sup>: a «invenção desonesta na história da literatura e na história da crítica [...] não está só em dizer o que não se passou, mas ainda em não dizer o que se passou também» que foi a belíssima e originalíssima obra poética de Amorim de Carvalho e a sua também muito original contribuição à teoria da crítica em Portugal – sem dúvida em divergência, constante, firme e fundamentada, das falsas teses da «modernidade» a que o crítico opôs os conceitos de «transèpocalidade» e de «actualidade permanente»<sup>24</sup>. Em 1974, no prefácio à *Teoria geral da versificação*, escreverá Amorim de Carvalho: «[...] se pertenci à geração da «Presença», não pertenci à sua escola. Pelas formulações teóricas na crítica [...], aceitando as renovações – e renovando – [...] ( [...] quando renovações humanamente positivas e intemporalmente válidas, de actualidade permanente), eu fui, como poeta e como crítico, o mais manifesto opositor das teses da «Presença». Isto bastou para que me silenciassem e me ocultassem sistematicamente. [...] Que este fenómeno de longa duração tenha sido e seja também o de outros países, terá isso uma explicação na decadência generalizada afectando o pensamento ético, político, social, filosófico e estético [...] [favorável] aos medíocres [...]. Aqui o deixo exarado [...] com a serenidade quase impassível de indicar factos que já nem me dizem respeito, porque todos nós passamos e os factos ficam».

Desde a longínqua época da sua primeira colaboração em periódicos literários, nos anos trinta do século passado, vinha insistindo fortemente, o escritor, na necessidade do intercâmbio cultural ibero-americano, em moldes não sectários, como elemento de afirmação e defesa de um espaço étnico-histórico-cultural de primeira importância onde naturalmente se inseria o seu próprio país (cf., por exemplo, sua colaboração em «O Diabo», «Pensamento», «Portucalé» e «Prometeu», e a orientação dada a esta última revista e à colecção «Estudos e críticas» por ele dirigidas).

Acção política, pouca teve Amorim de Carvalho, por razões explicadas no prefácio de *O fim histórico de Portugal*. Aderiu ao Movimento de Unidade Democrática (M.U.D.), que logo abandonou por recusar as manigâncias e os arranjos pouco claros adoptados nesse movimento dominado pelos comunistas, socialistas e seus comparsas. Assinou «um manifesto de «Tentativa de Conciliação Nacional» por ocasião de eleições (1953), redigido por Pedro Veiga, que foi impresso e é hoje uma raridade bibliográfica»; os signatários não obtiveram autorização para agir.

Amorim de Carvalho casou-se aos 18 dias do mês de dezembro do ano de 1943, na «Igreja Paroquial desta paroquia da Senhora da Conceição» (no Porto), com Ester Rodrigues

(nascida nesta cidade, na freguesia do Bonfim, a 18 de fevereiro de 1914, descendente, por parte do pai, duma família transmontana de avantajados proprietários rurais do lugar de Sapelos, concelho de Boticas<sup>25</sup>; e, por parte da mãe, de famílias com origens em Vila da Feira e na Corunha, Galiza). Foi a instâncias da mãe do escritor que a cerimónia se realizou segundo os preceitos da Igreja Católica; a noiva, que vinha duma família, pelo lado paterno, de militares não praticantes (embora de tradição católica), fez-se baptizar alguns dias antes do casamento para tornar possível a realização do matrimónio católico, conforme o ardente desejo da sua futura sogra. Os recém-casados residiram, por alguns meses, na moradia que pertencia à noiva e que é hoje a Casa Amorim de Carvalho. Em setembro de 1944, o filho único do casal nasceu já na residência da família do escritor, na Foz do Douro.

Um facto curioso e de cariz lúdico. Nesta primeira metade dos anos quarenta, Amorim de Carvalho inventa o jôgo de sociedade, e didáctico, que denomina *Dominògrama*<sup>26</sup>: excelentemente apresentado, com ilustrações de Cruz Caldas e instruções em quatro línguas (inglês, português, espanhol e francês), consiste em formar palavras cruzadas por meio de pedras tiradas à sorte por cada um dos jogadores. Realizado e comercializado pelo inventor, regista-o ele «na repartição [da Propriedade Industrial, em Lisboa] às 13 horas e 5 minutos do dia 7 de Dezembro de 1944. / A patente foi concedida por despacho de 14 de Agosto de 1945 e terá validade de quinze anos [...]». O registo da propriedade industrial foi pedido em Madrid e também, provavelmente, em França. Amorim de Carvalho desinteressou-se, no entanto, em breve, da exploração comercial do jôgo que ele inventara. O *Dominògrama* é o antepassado directo dos diversos jogos do género *scrabble*, ou de palavras cruzadas, que proliferaram e, em formas espúrias, se abastardaram por esse mundo fora...

1953: o escritor, agora com 49 anos de idade, abandona o Porto. Deixa a residência da família, na avenida do Brasil, n.º 835, em frente ao Molhe (Foz do Douro), onde vivera com a irmã e dois dos irmãos e seus descendentes, cujo chefe era o irmão mais velho, António Maria Caldas de Matos Amorim de Carvalho, que sucedera ao pai falecido em 1944. Nesse ambiente patriarcal, no seio de uma grande moradia com vasto jardim, a vida da família era regulada por uma organização tácita nos vários aspectos da existência quotidiana e pelo gongo metálico que, tocado por uma das criadas, lembrava a cada um que era chegada a hora pré-estabelecida das principais refeições<sup>27</sup>. A fonte de subsistência da família estava, por essa época, unicamente, na firma Amorim & Amorim, Lda., sita à avenida Meneres, n.º 612, em Matosinhos, da qual eram sócios e gerentes estatutários os cinco irmãos ainda vivos. As quotas dos quatro irmãos mais novos tinham-lhes sido atribuídas por António Maria, dentro daquele espírito de solidariedade familiar e de responsabilidade herdado das gerações passadas — atitude aristocrática essa, pouco ou nada compreendida e até rejeitada, hoje, pela mentalidade individualista e materialista e pelos reflexos primários duma burguesia mercantilista, que se generalizaram<sup>28</sup>.

Amorim de Carvalho fixa, então, domicílio em Lisboa, no bairro de Campo de Ourique, com a mulher e o filho, onde passou a viver modestamente, em parte da remuneração dos artigos que publicava em jornais lisboetas como o «Diário de Lisboa», o «Diário Popular», o «Diário de Notícias» e, mais tarde, também no «Cronista» onde colaborou, na redacção, com Alberto Xavier, director deste periódico. Tentara, no entanto, por outros meios, melhorar a sua precária situação financeira: requerera ele, em 1955, autorização oficial para leccionar, segundo o Estatuto do Ensino Particular, com fundamento na obra já realizada, como a lei exigia, — o que foi humilhanemente e pèrfidamente indeferido, tendo Amorim de Carvalho retirado o requerimento ao qual não se dera o seguimento legal<sup>29</sup>.

Foi nomeado, por indicação de António de Cértima, para vogal do Conselho de Programas da Emissora Nacional de Radiodifusão, por Portaria de 18 de março de 1958 do Ministro da Presidência; na tomada de posse dessa função, Marcello Caetano afirmara, em conversa informal com Amorim de Carvalho, que esperava que aquela nomeação pudesse ser

o começo de uma duradoura colaboração, e informara-o que Salazar lia com muito interesse os seus artigos publicados na imprensa lisboeta. Mas a indiferença do escritor para com as instituições políticas vigentes, a sua manifesta independência moral e intelectual, a rebeldia a aderir a gregarismos políticos ou a aproximar-se de *capelas* ou constituir grupos literários ou filosóficos – fizeram com que Amorim de Carvalho nunca beneficiasse de apoios duráveis: ao fim dos três primeiros anos de exercício (logo na primeira remodelação da composição do Conselho de Programas) perdeu essa função e, conseqüentemente, a magra remuneração que auferia<sup>30</sup>. «Em vão tentei procurar a possibilidade de viver em Portugal como homem de cultura – escreve Amorim de Carvalho, em 1975, no prefácio à sua obra *O fim histórico de Portugal* –. Concebi e apresentei vastos programas de actividade cultural (um dos quais foi mesmo publicado na minha revista «Prometeu») aos poderes públicos e a instituições privadas dispondo de recursos comparáveis aos do Estado. Sentia bem o meu direito de encontrar uma situação estável, trabalhando ao serviço da cultura da minha pátria. Os que alguma coisa prometeram, sinistramente faltaram à palavra»<sup>31</sup>. Ele fôra o incontestável precursor da ideia da criação de um organismo cultural português no estrangeiro, sobretudo em Paris, defendendo essa tese, desde cedo, insistentemente, em diversos ensaios que publicou e em planos que apresentou, neles desenvolvendo profunda e original argumentação nesse sentido<sup>32</sup>.

Em Lisboa, conviveu principalmente com Álvaro Ribeiro, Fidelino de Figueiredo<sup>33</sup> e Manuel de Campos Pereira (que Amorim de Carvalho conheceu pessoalmente só depois da publicação, em 1947, do seu estudo, *Campos Pereira – um romancista contemporâneo*, obra notável como técnica de análise literária; sem, evidentemente, renegar as teses sustentadas neste estudo, romperia ele relações com o romancista, em 1964, por motivos explicados em notas manuscritas redigidas por Amorim de Carvalho<sup>34</sup>, e evocados no seu belíssimo poema *Cântico ao meu Filho*).

Ficaram-nos gravadas na memória as longas conversas que Amorim de Carvalho mantinha com Álvaro Ribeiro, nas tertúlias dos cafés de Lisboa onde vinham juntar-se os discípulos deste filósofo que formavam o grupo que se auto-intitulou da «filosofia portuguesa». Antes do jantar, dispersávamo-nos, uns partindo mais cedo que outros, e frequentemente Álvaro Ribeiro, Amorim de Carvalho e nós próprio voltávamos a pé, para as respectivas moradas, continuando os dois filósofos, no caminho, a conversa interrompida. Lembramo-nos de ver, assim, reunidos à volta duma mesa de café, que nem sempre fôra o mesmo, além daqueles dois pensadores, José Marinho, Orlando Vitorino, António Quadros, e outros. Não foi sempre pacífica essa convivência. Alguns dos novos que se agregavam a Álvaro Ribeiro, tiveram, por vezes, afirmações agressivas (era aquele complexo de suficiência tão característico da psicologia do adolescente) dirigidas – directa ou indirectamente – a Amorim de Carvalho; este teve que pôr os pontos nos is, comunicando ao seu amigo que, se aqueles não mudassem de atitude, ver-se-ia obrigado a romper a convivência com ele, nessas tertúlias: a situação acalmou-se. Apesar da oposição filosófica persistente entre as teses do grupo da «filosofia portuguesa» e as de Amorim de Carvalho, eram a personalidade de Álvaro Ribeiro, a admiração e a amizade intactas que os dois filósofos mantinham um pelo outro, que ainda levavam Amorim de Carvalho a essas reuniões.

Frequentemente, na casa de Fidelino de Figueiredo, aonde nós também o acompanhávamos, reunia-se Amorim de Carvalho com aquele pensador e com Fernando Pinho de Almeida, Antero de Melo Ribeiro, Romeu de Melo, Manuel de Campos Pereira, Joaquim Braga: o grupo era outro e outras eram as perspectivas filosóficas. Fidelino chegou a propor a criação, com base nesse grupo, duma *Sociedade de Filosofia* cujos estatutos ele redigiria numas folhas de bloco-notas; tendo-nos ele incluído como membro da *Sociedade*, pediu-nos que copiássemos esses estatutos no Livro para isso destinado – e onde se arquivariam, posteriormente, as respectivas actas; nós disso nos incumbimos com um natural

orgulho, todo juvenil. O Livro, manuscrito, dos estatutos, conserva-se no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho<sup>35</sup>. A *Sociedade de Filosofia* não chegou a funcionar. Recordamo-nos, aliás, que Joaquim Braga não aderira ao espírito, no entanto aberto e arejado, sem imposição de monolíticas orientações, que animaria aquela *Sociedade*.

Desde 1962, era Amorim de Carvalho membro da Internationale Gesellschaft für Vergleichende Kulturforschung com sede em Salzburg, e da Société Européenne de Culture com sede em Veneza.

Em 1962 e 1963 desenrolou-se o caso Amorim de Carvalho v. Cunha Leão-Sociedade Portuguesa de Escritores, representando aquele filósofo os direitos da herdeira de Bazilio Telles. Após uma luta esgotante de Amorim de Carvalho em defesa de princípios morais elementares e da memória daquele notável publicista, a direc o da Sociedade (cujo secretário era Manuel Ferreira) nomeou uma comissão jurídica para tratar do caso (constituída pelos «escritores» Abranches-Ferrão, Mário Soares e Francisco Rebello) que emitiu um parecer exemplarmente desleal e p rfido. Amorim de Carvalho viu-se, então, na obriga o de vir a público com este assunto, o que muito contribuiu para o definitivo descrédito daquela Sociedade, da qual ele, já, entretanto, se demitira de sócio<sup>36</sup>.

Em janeiro de 1963, participa no I Encontro de Escritores de Angola, realizado em S  da Bandeira – ao tempo, próspera e agradável urbe, fundada pela raça branca, no interior daquela província ultramarina portuguesa –, intervindo frequentemente nos trabalhos, onde expõe os seus próprios pontos de vista sobre a problemática da cultura, e da literatura de língua portuguesa, corrigindo ideias feitas ou definindo e precisando conceitos<sup>37</sup>. O conjunto formado pelas interven es de Amorim de Carvalho no referido Encontro e pelos estudos sobre literatura angolana incluídos nas suas *Obras reunidas*, constitui um dos mais notáveis estudos de avalia o estética da literatura da província de Angola, devendo ser consideradas aquelas interven es como a melhor contribui o levada aos trabalhos do I Encontro de Escritores de Angola.

O médico-psiquiatra Borges Guedes no *Ensaio de uma caracterologia social*<sup>38</sup>, estudando os caracteres somatofisiol gicos e a personalidade de Amorim de Carvalho, descreve-o assim: «*Aspecto morfológico*: Brevil neo, estatura me , corpo franzino, segmentos proporcionados — cr neo com perímetro sobre o grande, tensões arteriais baixas, tendência às extrasístoles. Hipersensibilidade aos tóxicos, mesmo os alimentares. / Olhar vivo, penetrante, movediço que revelam algo de agressividade intelectual. / *Personalidade*: [...] alia as duas melhores qualidades para o conhecimento humano: a profundidade e a amplidão. / [...] avaliamos a facilidade do seu pensamento, a segurança do seu conhecimento, a sua sensibilidade poética, os seus ideais, embora sem fé, um p ssimista na constru o dum mundo melhor, desiludido dos homens, olha-os amargamente na pobreza dos seus ideais, na mesquinhez do seu «materialismo», da  o seu estado de irritabilidade, a sua antiga atitude crítica um tanto cáustica. [...]. / Orientado para o mundo do conhecimento numa avidez inquietante [...]. / Cultor feminino, lírico, tem da feminilidade a gratidão mais duradoira. Marido e Pai ideal. / Rígido, inflexível, leal, amigo firme   um construtor com ideais superiores, embora p ssimista. / *Biótipo*: Homo-Socialis (actual), Ast nico-P cnico (Kretschmer), Hipossuprarrenal (Pende). [...]. / [...] pertence àquela pl iade de Homens que nos devem servir de modelo pela integridade do seu carácter [...].» (págs. 125-128).

Ainda no tempo de Portugal, em 1965 – com 61 anos de idade –, Amorim de Carvalho transfere a residência para Paris – outro velho sonho acalentado, durante anos, pelo filósofo –, deixando o país ingrato onde lutara e sofrera, com independência e orgulho, sem aderir a *capelas*, pertencer a *escolas* ou constituir gregarismos: o seu espírito era-lhes estranho. «C'est un exil d finitif, il le sait, il suffit de lire le *Cantique   mon fils* [...] pour s'en convaincre; [onze] ans plus tard, lorsqu'il se verra mourir, Amorim de Carvalho refusera de rentrer au Portugal – refus qui prend tout son sens si l'on garde présente   l'esprit l'importance que ce

poète attache aux symboles...»<sup>39</sup>. Na capital francesa, em hotéis modestos, onde residia com a esposa e o filho, continuou no seu labor de filósofo – não abandonando, no entanto, a poesia de pensamento e os estudos literários. Um dos seus estudos, escrito directamente em francês (*De la connaissance en général à la connaissance esthétique. L'esthétique de la nature*, publicado em livro, Klincksieck, Paris, 1973, ed. subvencionada pelo Instituto de Alta Cultura, de Lisboa), constituiu, por autorização dada pelo Ministério francês da educação nacional com fundamento no conjunto da obra realizada pelo escritor, tese de doutoramento na Sorbonne (1970)<sup>40</sup>. Com aquela formalidade universitária, queria o Autor tentar obter, posteriormente, uma segurança material que lhe permitisse viver com menos inquietações financeiras. Durante um limitado período, fôra-lhe atribuída, pela Fundação Calouste Gulbenkian, uma bolsa de estudos ou coisa equivalente, mas impondo tantas limitações, exigências, formalidades e condicionamentos a um intelectual consagrado como se fôra pessoa desconhecida.

Em Paris relacionou-se com alguns intelectuais franceses como Mikel Dufrenne, Étienne Souriau, o artista plástico, de origem húngara, Nicolas Schöffer, e, sobretudo, Jean Cassou.

Em julho de 1974, casa-se o filho. Em agosto de 1975 nasce-lhe uma neta. Em outubro do mesmo ano adoece. Pressente que não viverá muito tempo. Vai a Portugal passar as festas do Natal e despedir-se da família. Aí assiste ao baptizado da neta. Conformado (como ele mesmo nos disse) e com toda a serenidade, morreu em Paris, no dia 15 de abril de 1976, na presença da sua mulher a quem dedicara o último livro citado. Não quizera morrer na pátria agonizante que ele considerou ter chegado ao seu «fim histórico» (como nação independente com sua significação no processo histórico). Fôra o único intelectual português que, em estudos com fundamentação objectiva, se opusera com tenacidade à política imposta ao país pelo golpe militar de 1974, à traição do exército e dos políticos, ao covarde abandono do Ultramar<sup>41</sup>.

Amorim de Carvalho está sepultado no jazigo de família fundado – em meados do século XIX – no cemitério da Ordem de Nossa Senhora do Carmo, em Agramonte (no Porto), pelo poeta e seu bisavô António Pinheiro Caldas, de quem ele foi o herdeiro espiritual.

Como ele próprio afirmou, mantivera-se sempre afastado das *capelas* e dos grupos literários e ideológicos e da propaganda organizada pelo elogio mútuo, na imprensa e nas casas editoriais: «Se à volta da Revista PROMETEU – dizia o pensador, em 1947, num dos fascículos do periódico de que era director – pode e deve formar-se um grupo, queremos que ele se forme na negação [...] do que em regra leva à formação dos grupos; isto é, queremos que ele se forme adentro daquela realidade dos melhores valores». E afirmava, pouco tempo depois, na mesma revista, a sua atitude, «sem facciosismos», «marcando uma posição, mas reconhecendo as outras que legitimamente se apresentem; aceitando a polémica e a crítica esclarecedoras, mas com condição de a inteligência que discute ser garantida por uma força de carácter – sem a qual tudo redundaria numa mistificação». Pugnou por uma moralização da crítica e do pensamento filosófico: «O que eu exijo hoje é, na essência, o mesmo que exiji ontem: o reconhecimento [...] de um sentido de transpocalidade e de transnacionalidade de certos valores estéticos e filosóficos [...], na base de um esclarecimento crítico objectivo para a inteligibilidade do homem do nosso tempo, da História e das nações no espaço do Mundo»; utilizou métodos de objectividade crítica que eram novos na literatura portuguesa, propondo uma estética objectiva (oposta a intuicionismos e impressionismos mistificadores), afirmando-se como a mais notável compleição crítica do país: «talvez em nenhum país – e contemporaneamente – o modernismo houvesse tido uma crítica tão constante, com objectividade, com fundamentação científica e com enquadramento filosófico» como a que sustentou em Portugal. Lopes d'Oliveira pôde afirmar que «Amorim de Carvalho é, entre nós, um escritor de extraordinários dotes, e sem dúvida o de maior envergadura crítica» e «Como

sempre, este demonstra a sua força dialéctica, movida pelos primores raros dum admirável escritor»<sup>42</sup>.

«[...] Num país de lirismos críticos e filosóficos», «com falta de tradição filosófica» e científica, sem disciplina mental e «eticidade de pensamento»; nesta «tragicomédia, num país em que o espírito tantas vezes tem resvalado por aí» – como se expressou Amorim de Carvalho em *Deus e o Homem na poesia e na filosofia*, – a sua obra teve de tomar, por vezes, aspectos nitidamente pedagógicos, expondo, o esteta e o filósofo, as suas ideias, as suas teses, o seu pensamento em estudos de carácter crítico e de análise às obras de outros autores.

Como esteta, não se limitou à análise crítica e aos estudos relativos à teoria da literatura em geral, validados, uma e outros, pelos fundamentos filosóficos e científicos que lhes deu. Também foi ele o atento analista e o teorizador – como dissemos – da versificação, rompendo com arcaísmos, imprecisões, conceitos e preconceitos inadequados para uma aceitável compreensão e interpretação dos ritmos verbais em qualquer idioma: seus estudos aí estão, incontornáveis, marcados pela inconfundível originalidade do autor. Consciente da importância de seus trabalhos neste domínio, escreveu Amorim de Carvalho, em 1974, no prefácio à *Teoria geral da versificação*, já há muito concluída<sup>43</sup>: «Este livro não é [...] o fruto apenas do meu estudo vivido das obras dos outros poetas; é também o fruto da experiência vividíssima da minha própria criação [poética]». Referindo-se ao conjunto dos seus estudos – obra ímpar que deu à versificação estatuto de ciência – não exita em afirmar que não encontrou noutros autores – com excepção de uma, mas incorrectamente formulada – nenhuma das leis por ele enunciadas em seus trabalhos sobre versificação. Impressionante é a construção interpretativa levantada à volta do que denominou «lei da elisão rítmica». E tudo isso, «num porfioso e verdadeiro trabalho laboratorial», fazendo experiências com versos, compondo versos experimentais, alterando-lhes a estrutura interna, etc. É Amorim de Carvalho o grande especialista europeu da versificação; impunha-se, portanto, que a obra do metrista não fosse silenciada em seu próprio país. Mas, precisamente na altura em que se comemorava o 1.º Centenário do seu nascimento, a proposta que fizéramos, de publicação na revista da Biblioteca Nacional de Lisboa, de um breve estudo nosso apontando para a valorização da teoria da métrica de Amorim de Carvalho, – era recusada pela burocracia que dirige aquela instituição pública. Proposta idêntica recebeu, no entanto, caloroso acolhimento nos meios universitários espanhóis, onde o nosso estudo, muito aumentado, foi publicado na «*Rhythmica*», prestigiosa revista de métrica comparada, co-dirigida pelo Professor José Domínguez Caparrós (da Universidade de Madrid) e editada pela Faculdade de Filologia da Universidade de Sevilha. O conjunto da obra de Amorim de Carvalho sobre versificação tem, aliás, uma significação que a transcende, pois – escrevia o ilustre esteta português – está ela «intimamente ligada à minha obra de poeta e à posição que, como poeta e crítico mantive e mantenho».

Forçoso é, pois, concluir que se Amorim de Carvalho não tivesse estado presente no panorama cultural, na história literária, no pensamento estético e filosófico da sua época, teria esse facto resultado num vazio incomensurável, numa insuportável e definitiva pobreza mental pela ausência de uma atitude, de uma faceta da inteligência que só ele haveria de sustentar, delinear ou preencher.

Isso não impediu que (por razões já explicadas) raríssimos fossem os que, em Portugal, estudaram com isenção e profundidade a obra literária e filosófica de Amorim de Carvalho. Neste caso é legítimo citar Carlos Reis que, num trabalho de investigação para servir de dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, foi um dos primeiros estudiosos se não o primeiro, que atentou – reconhecêmo-lo (quaisquer que sejam as reservas que possamos, aqui ou ali, fazer à sua interpretação da obra de Amorim de Carvalho) – na importante teorização estética que este crítico encetou a partir dos anos trinta<sup>44</sup>. Depois daquele, foi Artur Manso quem compreendeu a significação e soube avaliar a

importância da teoria do conhecimento estético de Amorim de Carvalho, tendo tomado a iniciativa de reunir em livro e prefaciá-los alguns dos principais estudos dispersos deste Autor nesse domínio do conhecimento<sup>45</sup>. Mas, numa perspectiva já essencialmente filosófica, deverá referir-se o nome de Pinharanda Gomes que também o tem citado, referindo-se a aspectos muito gerais do pensamento de Amorim de Carvalho<sup>46</sup>. O revisionismo crítico deste pensador está a impor-se progressivamente a alguns intelectuais das novas gerações que já admitem e valorizam, embora ainda timidamente, algo das posições críticas de Amorim de Carvalho relativas à literatura, à estética e ao pensamento filosófico, rompendo-se assim em parte o muro de silêncio de que ele e suas obras estavam sendo vítimas.

Discutindo o problema da filosofia em Portugal, propôs Amorim de Carvalho uma «pedagogia filosófica» do pensar português, atenta à cultura científica actualizada que o validasse, divergindo profundamente do movimento que se auto-intitulou da «filosofia portuguesa» e que propunha – também com a obsessão dos precursores como, na literatura, os modernistas – teses consideradas, pelo filósofo, insustentáveis para uma correcta interpretação do processo histórico-cultural português. Procurou conciliar a «hipótese metafísica» com o «facto positivo» («positivismo metafísico») e sistematizou a sua filosofia da estética, principalmente no vasto estudo: *De la connaissance en général à la connaissance esthétique. L'esthétique de la nature*. Formulando uma teoria das elites, apelou para a sua intervenção na política, propôs a «organização das culturas nacionais» e a «revisão axiológica» dos direitos do Homem. Ainda no domínio especificamente filosófico, lembramos, por exemplo, a originalidade dos conceitos de Nada, Tempo e Espaço; a sua teoria da evolução à qual estão ligadas as noções de «absolutidade de objectividade» do *sou*, de «superdeterminação» e «subdeterminação», de «qualização» e de «dialéctica mononómica», numa e para uma ontologia fortemente marcada pela afirmação dos «valores reais»; a teoria das emoções; a teoria da perspectiva; etc.<sup>47</sup>. Mas não é de estranhar que, nos limitadíssimos horizontes portugueses, a obra filosófica – e literária – de Amorim de Carvalho tenha quase apenas sido discutida pela sua faceta de análise e rectificação crítica<sup>48</sup>, sem se atentar que aquela obra é também a construção de um pensamento próprio ao filósofo – outra faceta, esta, que parece estar fora da curiosidade, das preocupações e das estreitas capacidades intelectuais do acanhado meio lusitano.

Na criação poética trouxe uma originalidade incontestável e uma beleza nova à literatura de expressão portuguesa (vid., de Amorim de Carvalho, a respeito da sua obra poética, o *Depoimento para a história crítica do modernismo em Portugal*, a que já se fez referência); e se considerarmos as «diversas características mentais que, no conjunto, definem as compleições poéticas criadoras de largas formas poemáticas ou de largo pensamento poético em que se refletem as eternas inquietações humanas e universalistas, e em que a poesia está intimamente ligada ao pensamento para atingir a ressonância épica ou filosófica de uma concepção do mundo e da vida», conferindo aos poemas (pelas temáticas e teses de universalidade humana) «o sentido de uma poesia mundial», Amorim de Carvalho coloca-se, na continuidade de Camões, Antero, Junqueiro e Pascoaes, entre os grandes poetas de expressão portuguesa. Em nenhum destes, no entanto, a poesia atingiu tão alta densidade filosófica aliada à beleza formal como em Amorim de Carvalho. E também em nenhum outro poeta de expressão portuguesa, a problemática do amor teve a intensidade, a dimensão filosófica e a originalidade que ele lhe imprimiu.

Nesse mesmo sentido, podemos citar a opinião do lusitanista francês, o professor Georges Le Gentil que, em carta para Amorim de Carvalho, afirma, insistentemente, ter este poeta reatado com a tradição da grande poesia: «J'ai été [diz Georges Le Gentil, referindo-se a um dos poemas de Amorim de Carvalho] vivement frappé de l'originalité de la forme qui, tout en restant classique par la pureté et la limpidité, s'affranchit des règles trop étroites, calque le rythme sur le mouvement de la pensée et ne retient, pour conclure un

développement, que des images éclatantes et entièrement neuves. Il me semble que vous conciliez harmonieusement le respect que nous devons garder pour l'expression adéquate et pleinement intelligible avec les acquisitions les plus vantées du symbolisme et du modernisme»; e, evocando o conjunto da obra poética de Amorim de Carvalho, sintetisa, em forma de conclusão: «[...] Vos poésies [...] me paraissent marquer une réaction nécessaire contre le subjectivisme étroit de l'école moderniste. Nous revenons, grâce à vous, à l'inspiration largement humaine qui assure le succès permanent de l'École de Coïmbre»<sup>49</sup>.

Homem, ainda que de meticolosa análise (como provou ser em muitas das suas obras), a sua inteligência estava preparada para as largas sínteses marcadas, estas, por incontestável espírito elitista e, portanto, humanista. Conhecedor da situação e dos resultados das diversas ciências da época, a sua obra realizou-se em domínios múltiplos: no conhecimento estético, na reflexão sobre o processo histórico, na análise literária, no pensamento filosófico, na vasta e original criação poética, e na própria ciência do ritmo verbal (a parte nobre da versificação) de que Amorim de Carvalho foi, como se sabe, o verdadeiro fundador.

A sua curiosidade universal, levou-o até ao desenho e a ensaios de pintura; à encadernação de livros, e às artes gráficas, ilustrando e compondo algumas obras suas e diversos fascículos da sua revista «Prometeu». O gosto pelos belos livros fê-lo também bibliófilo, reunindo, na sua biblioteca, apesar da modéstia das suas finanças, alguns livros de valor pelas características das edições ou pelos autógrafos neles existentes.

Amorim de Carvalho foi um daqueles «hommes exceptionnels» (aos quais se refere Alexis Carrel em *L'homme, cet inconnu*) «capables d'acquérir une connaissance utilisable de plusieurs sciences à la fois», – e cujas «vastes synthèses [pelas razões que dá o sábio francês, e que foram também as do pensador português] demandent beaucoup de puissance mentale et une résistance physique à toute épreuve». Amorim de Carvalho foi o mais acabado exemplo português do humanismo elitista e crítico, propugnando, insistentemente, sem concessões desdignificadoras, pela claridade do pensamento.

Sem sabermos até que ponto e para quando será legítimo esperar, em Portugal, um esforço de válida interpretação do pensamento poético, estético e filosófico de Amorim de Carvalho; e em que medida as linhas de força e a significação da obra do pensador português interessarão uma intelectualidade portuguesa tantas vezes preguiçosa, sectária, ignorante ou indiferente ao pensar nacional; – estimamos que a «arquitectónica didáctica» que se fizer do seu pensamento terá que considerar que esse pensamento se manifesta já na poesia, se explicita e se sistematiza na sua teoria estética (onde se incluem os seus notáveis estudos de crítica literária), prolongando-se e afirmando-se nos trabalhos de reflexão filosófica propriamente dita – cuja originalidade e riqueza devem ser consideradas numa avaliação objectiva do conjunto da vasta obra de Amorim de Carvalho.

Na Casa Amorim de Carvalho, fundada no Porto, em 1981<sup>50</sup>, conservam-se, devidamente repertoriados e catalogados, os livros da sua biblioteca, os seus manuscritos, desenhos e pinturas, numerosíssimos documentos que lhe dizem respeito, o arquivo genealógico da família e objectos diversos de interesse artístico, etnográfico, biográfico ou histórico. Nessa Casa foram depositados, por sucessivas doações de familiares, quadros, objectos diversos e documentos que de qualquer modo se relacionam com o pensador novecentista e sua família, sendo muitos deles relativos ao seu bisavô e ilustre poeta António Pinheiro Caldas de quem Amorim de Carvalho foi, e nós somos presentemente, o herdeiro espiritual<sup>51</sup>. E também os familiares de Roque e Fernando Callage, Ribeiro Tacques e Darcy Azambuja procederam a doações que, preservando e dando significação ao espólio destes escritores, aumentaram o já importante fundo brasileiro (aliás, em parte relacionado com os citados intelectuais brasileiros) existente na biblioteca do pensador português, hoje parte integrante da Casa Amorim de Carvalho.

Por decisão tomada na reunião camarária de 6 de maio de 1997, em homenagem póstuma ao ilustre intelectual, foi a Câmara Municipal de Matosinhos a que primeiro incluiu o nome de Amorim de Carvalho na toponímia do país, atribuindo-o a uma rua e a uma praça do concelho.

No ano de 2004, comemorou-se o 1.º Centenário do nascimento de Amorim de Carvalho. Nesta ocasião, entre outros eventos, realizaram-se na Biblioteca Pública Municipal do Porto, por iniciativa conjunta da Câmara Municipal desta cidade e da Casa Amorim de Carvalho, o colóquio «Amorim de Carvalho – da poesia e estética ao pensamento filosófico» (onde treze comunicações foram apresentadas por universitários e escritores) e a exposição «Intimidades e ressonâncias – o poeta e filósofo Amorim de Carvalho» (composta por mais de duzentos volumes, documentos e objectos diversos pertencentes à Casa Amorim de Carvalho)<sup>52</sup>. E, em reunião da Câmara Municipal de 13 de dezembro de 2005, foi aprovada a atribuição do nome de Amorim de Carvalho a um arruamento novo da cidade do Porto.

Com fundamento na portaria («arrêté») do governador civil («préfet») da Région d'Île de France et de Paris, datada de 3 de outubro de 2007, foi colocada nesta cidade, no Quartier Latin, na fachada do prédio que tem o n.º 52 da Rue Gay-Lussac, uma bela placa comemorativa em memória de Amorim de Carvalho, que assim reza : *Dans cet immeuble a vécu / de 1969 à 1974 / Amorim de Carvalho / poète et philosophe portugais / mort à Paris le 15 avril 1976.*

---

## OBRAS REUNIDAS DE AMORIM DE CARVALHO

### **Primícias poéticas e outras poesias inéditas e dispersas. (1919-1975)**

**Bárbaros. Sonetos** [1927]

**Destino. (Inéditos e dispersos)** [1939]

**Verbo doloroso. (Inéditos e dispersos)** [1942]

**Obra poética escolhida. Volume I. Elegia heróica e outros poemas** [2013] / **Volume II. A erotíada e outros poemas** [2004] / **Volume III. A comédia da morte e outros poemas** [1979] / **Volume IV. Il Poverello e outros poemas** / **Volume V. Com Deus ou sem Deus e outros poemas** / **Volume VI. O apóstolo e outros poemas**

**Teoria geral da versificação. Volume I. A metrificação e a rima** [1987] / **Volume II. As estrofes, os sistemas estróficos e a história da versificação** [1987]

**Problemas da versificação** [1981]

**Tratado de versificação portuguesa** [1941]

**Subsídios para o estudo da crítica em Portugal. (Século XX)**

**Depoimento para a história crítica do modernismo em Portugal** [1981]

**Através da obra do sr. António Botto. (Análise crítica)** [1938]

**Guerra Junqueiro e a sua obra poética. (Análise crítica)** [1945]

**Campos Pereira – um romancista contemporâneo. (Análise crítica)** [1947]

**O Só de António Nobre e o Só de Edmond Haraucourt.** (*A origem do título dum livro*) [1968]

**Dos trovadores ao Orfeu.** (*Contribuição para o estudo do maneirismo na poesia portuguesa*) [2012]<sup>53</sup>

---

**Opúsculos.** *Volume I. Teoria da estética / Volume II. Temas diversos de literatura e artes plásticas / Volume III. Filosofia*

**Temas culturais.** *I. O pensamento e a palavra, a criação artística, a sinceridade e a autenticidade, modernidade e actualidade / II. As pequenas nações na história e na cultura, direito internacional, a missionologia do Ocidente, a problemática e a polemologia dos direitos / III. Congressos e colóquios, os problemas da cultura portuguesa no mundo, o Estado e a cultura / IV. Pequenos temas da novelística, cinema e teatro, o amor na literatura e na vida / V. À memória de Joaquim Manso, nomes portugueses, nomes estrangeiros, novos e velhos / VI. Positividade e metafísica, confissões intelectuais, o Homem e o universo*

---

**Deus e o Homem na poesia e na filosofia.** *Sampaio Bruno, Fernando Pessoa, Pascoais, Paul Claudel, Álvaro Ribeiro, Papini, Junqueiro, Gabriela Mistral, Almafuerte, Fidelino de Figueiredo, Bertrand Russell, Einstein, Basílio Teles, J. Teixeira Rêgo, Ortega y Gasset, João de Barros* [1958]

**O positivismo metafísico de Sampaio Bruno.** *As influências de Comte e Hartmann. Crítica e reflexões filosóficas* [1960]

**Fidelino: um filósofo da transitoriedade.** *Volume I. Análise crítica do pensamento filosófico de Fidelino de Figueiredo* [1974] / *Volume II. Antologia filosófica de Fidelino de Figueiredo. Organização e prefácio* [1984]

**De la connaissance en général à la connaissance esthétique.** *L'esthétique de la nature* [1970]

**Le psychique, le langage et la connaissance**

**Tese e antítese**

---

**Os Descobrimentos portugueses na filosofia da história** [1982]

**La fin historique du Portugal** [1977]

**Teoria da liberdade e das elites. Temas político-sociais**

---

**A primeira mulher.** *Contos* [1952]

**A teia da aranha.** *Romance* [1962]

---

**Uma polémica na revista «Aquila».** **Pensamento aforístico. Estudos de filosofia e estética e outros escritos dispersos**

**Comentários e notas**

**Recensões bibliográficas e outras nótulas**

**Planos para a expansão da cultura portuguesa e defesa da civilização. Relatórios apresentados no «Conselho de programas» da Emissora nacional de radiodifusão. O caso Cunha Leão/Sociedade portuguesa de escritores**

## Correspondência

«Prometeu. Revista Ilustrada de Cultura». (Direcção e colaboração). [1947-1952]

## Desenho e pintura. Dòminògrama. Miscelânea

### Critérios seguidos na organização das *Obras reunidas de Amorim de Carvalho*

Incluíram-se as obras publicadas em vida do Autor e as que ele não pôde ver editadas por razões independentes da sua vontade. Dos outros trabalhos (inacabados, definitivamente revistos pelo autor ou não) reuniram-se os mais significativos (na perspectiva da formulação definitiva do pensamento amoriniano). Da obra poética deixada inédita, apenas se incluíram, portanto, as composições de maior significação, preferindo-se, para as que pudessem apresentar mais do que uma forma, aquelas que se admitiu serem as últimas ou as definitivas. Também fazem parte das *Obras reunidas*: a correspondência de superior relevo (para a compreensão do pensamento de Amorim de Carvalho e para a definição do seu perfil moral) e as anotações de maior interesse redigidas em livros ou folhas soltas. – Estabeleceu-se a correcção gráfica e rectificaram-se lapsos ou gralhas no que fôra impresso em livros e periódicos. Inseriram-se as modificações e os acrescentos e respeitaram-se as exclusões a que o Autor procedeu para futuras edições (em geral, sem indicação de novas datas, porque, nos textos submetidos a essas alterações, considerou o Autor e consideramos nós determinante a primordial inspiração do poeta e do pensador). – Em obra na qual o autor remetiera para outros lugares da mesma, referindo-se aos números das páginas, substituíram-se estes pela referência aos respectivos capítulos. Eliminaram-se diversas dedicatórias incluídas em primeiras publicações ou edições das suas obras. Os títulos (das divisões internas de diversos volumes), as notas e os textos que não são da responsabilidade de Amorim de Carvalho, estão entre parêntesis rectos.

## NOTAS

<sup>1</sup> O ramo destes Amorins vem directamente e recentemente do norte da Espanha, de uma família tradicionalmente católica, não tendo, portanto, qualquer parentesco conhecido com os Amorins portugueses (judeus ou não). Os Carvalhos procedem de família também católica da região de Taboço, no Douro interior.

<sup>2</sup> O primeiro estudo genealógico estabelecendo a relação de descendência do poeta António Pinheiro Caldas para Amorim de Carvalho, foi a nossa obra *Dois escritores portuenses. O poeta António Pinheiro Caldas e Amorim de Carvalho*, Casa Amorim de Carvalho, Prometeu, Porto, 2000. Os Caldas de Matos são minhotos.

<sup>3</sup> Foram seus irmãos: Júlio (morreu menino), Arnaldo (morreu adolescente), António Maria (1898-1959), Mário António (1900-1984), Maria Alice (1902-1975) e Álvaro Maria Caldas de Matos Amorim de Carvalho (1905-1969).

<sup>4</sup> Vid. *Guerra Junqueiro e a sua obra poética. (Análise crítica)*.

<sup>5</sup> Esta zona da costa portuguesa já pouco tem do aspecto que Amorim de Carvalho conheceu, e que nós também conhecemos, no tempo de Portugal. A partir da segunda metade da década de setenta do século passado, toda a marginal que vai da foz do rio Douro à capela da Boa Nova, tem vindo a ser barbaramente descaracterizada por um vandalismo urbanístico e arquitectónico de bradar aos céus! Em paralelo e em relação com esse deprimente condicionalismo urbanístico, de tremendo mau gosto, a região litoral vê-se agora esvaziada das famílias tradicionais que, pouco a pouco, desde os meados do século XIX, haviam criado, sobretudo na Foz do Douro e em vasta porção da freguesia de São Miguel de Nevogilde, um meio social de grande qualidade num *habitat* preservado e muito específico. Foram-se afastando, assim, progressivamente, aquelas famílias, da transformada e cada vez mais incarácterística zona litorânea, sendo esta, a curto prazo ocupada, em grande parte, por uma população endinheirada, vinda *de fora*, alógena: população massificada sem valorizantes características sócio-culturais próprias. Enfim, uma catástrofe, uma tragédia do ponto de vista demográfico, ecológico, estético e urbanístico! Mas está bem certo que a degradada situação actual é essencialmente o resultado da conjunção de dois factores: a feroz avidez financeira de alguns representantes recentes daquelas famílias da Foz já decaídas, e a criminoso gestão urbanística dos autarcas do município portuense.

<sup>6</sup> Mas também percorreu o Orléanais, a Touraine, o Poitou, o Limousin, a Guienne, o País Basco e a região de Lourdes. Privilegiou igualmente, em viagens ao estrangeiro, a Espanha, onde conheceu melhor, além da Galiza e do País Basco, a região de Madrid, a Catalunha e as Baleares.

<sup>7</sup> Também nós pudémos ainda conhecer a bela rusticidade da Casa do Muradal, das terras que dela dependiam e do vasto vale circundante. Muito jovem, passámos largas temporadas nessa Casa nobre, em companhia de nossos Pais, e dela guardamos na memória imagens, sabôres, impressões tácteis, olôres, sons indeléveis. A sobriedade e a solenidade daquela Casa que dir-se-ia conservar intacta a antiguidade imemorial do espírito aristocrático da família que levantou o solar imponente; a animação rústica de que ela era o centro e a origem; o sereno e belíssimo boculismo dos terrenos que lhe ficavam adjacentes, — tudo isso (que foi duma já passada época) vem como que numa desordenada cavalgada de alegres, vibrantes e vigorosas ou mornas e misteriosas sensações, assaltar a nossa alma e prendê-la em indestrutíveis bastilhas de saudade.

<sup>8</sup> *Maria Amélia Camossa Saldanha Amorim de Carvalho Borges. Seu percurso e contributo para a dimensão histórica da família*, ed. do autor, Porto, 2002.

<sup>9</sup> Vid. jornal «O Badalo», Matosinhos, do n.º 559 (de 29 de dezembro de 1918) ao n.º 614 (de 18 de janeiro de 1920), nas págs. 2 dos números entre as datas citadas. Cf. a respectiva pasta das *Referências a Amorim de Carvalho (Recortes)*, no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho.

<sup>10</sup> Até curiosamente, neles, certa maneira de vestir, sóbria, austera, exigente; e de dar uma imagem, sem adornos, de si para si e para a sociedade — subsume uma virilidade comum aos três intelectuais.

<sup>11</sup> Não sendo homem de igrejas, dizia-nos no entanto, por vezes, Amorim de Carvalho sua intuição que o Catolicismo-instituição social manter-se-ia, de qualquer modo, como derradeira defesa contra a barbárie.

<sup>12</sup> Existe na Biblioteca da Casa Amorim de Carvalho, um exemplar da obra de Bazilio Telles *A ciência e o atomismo. Continuação ao «Estudo» inserto no «Prometheu agrilhado»*, publicada em Lisboa pela sociedade editora Portugal-Brasil, com uma dedicatória manuscrita do autor ao pai do escritor cuja biografia retraçamos: «Ao snr. Julio Amorim de Carvalho, agradecendo a sua bondade obsequiosa, off. B. Telles». É uma curiosidade bibliográfica. Quanto às estreitas relações de amizade que se estabeleceram entre Bazilio Telles e a família Amorim de Carvalho, vid., por exemplo, na revista «Portucale» (Porto, vol. IX, 1936, pág. 23), o artigo da autoria de Amorim de Carvalho intitulado *Bazilio Teles. Algumas notas sobre os últimos anos da sua vida e sobre a sua morte*. — Observação complementar. Já se pretendeu contestar a afirmação de Amorim de Carvalho segundo a qual Bazilio Telles, em seus trabalhos de análise e reflexão sobre problemas sociais, políticos e filosóficos, utilizara poucos livros de consulta. Lembremo-nos (além de tudo o mais, além das próprias indicações que, neste sentido, podem tirar-se da obra de Bazilio Telles) que o jovem Amorim de Carvalho conviveu duravelmente com este notável publicista, cuja residência frequentou, em certa época, quotidianamente, ou quase; e lembremo-nos também que talvez ninguém tenha mantido mais estreitas relações com Bazilio Telles, nos últimos períodos da sua vida, do que Amorim de Carvalho e seus familiares. Este pensador, evocando a figura de Bazilio Telles e rememorando as frequentes conversas com ele havidas, disse-nos repetidas vezes que Bazilio sabia maravilhosamente, e com grande intuição, aproveitar as fontes de informação que se encontravam na parca biblioteca que possuía.

<sup>13</sup> A título também de curiosidade bibliográfica, indicaremos que na Biblioteca da Casa Amorim de Carvalho está catalogado sob o n.º de ordem 3960, um exemplar da obra de Eurico de Campos, que foi Inspector da Policia de investigação criminal de Coimbra, intitulada *Quem são os assassinos do Dr. Sidónio Pais? (Estudo de investigação criminal)*, Coimbra, 1919, com dedicatória do autor para António Amorim de Carvalho que assim reza: «Ao meu velho amigo Amorim de Carvalho. Um abraço do autor».

<sup>14</sup> Vid., por exemplo, o depoimento retrospectivo de Amorim de Carvalho no prefácio à sua obra *La fin historique du Portugal*, de que foram publicadas duas edições em língua portuguesa: *O fim histórico de Portugal*, 1.ª ed., Prometeu, Porto, 1977 (inteiramente subsidiada por José Pereira Herdeiro); 2.ª ed., Nova Arrancada, Lisboa, 2000. Nesta 2.ª edição, reunimos diversos artigos de Amorim de Carvalho relativos à desastrosa situação criada ao país pelo golpe militar de 1974 — artigos esses que foram publicados no «Diário do Minho» (Braga), entre 3 de julho e 5 de outubro de 1974.

<sup>15</sup> Vid. o artigo de Amorim de Carvalho: *Valores desconhecidos. A obra de Jorge de Loivos* [pseudónimo de Arnaldo Osório], «Diário da Noite», Lisboa, 6 de dezembro de 1932.

<sup>16</sup> Vid. seus artigos *As falsas doutrinas, sobre a crise económica* publicados em «O Comércio do Porto», Porto, 25 e 26 de março de 1933.

<sup>17</sup> Amorim de Carvalho reuniu o essencial da sua poesia na *Obra poética escolhida*.

<sup>18</sup> Vid., do escritor — que foi, sem qualquer sombra de dúvida, a maior compleição crítica do país —, o *Depoimento para a história crítica do modernismo em Portugal* (1.ª ed., Prometeu, Porto, 1981; publicado na revista «Nova Renascença», Porto, vol. IV, n.º 13 (inverno), janeiro-março de 1984, pág. 21; 2.ª ed., Prometeu, Porto, 1985) e também o que escrevemos na publicação póstuma: Amorim de Carvalho, *Angolana. Cântico ao meu Filho. Balada heróica da liberdade. (Três poemas inéditos)*, Prometeu, Porto, 1990, págs. 17-18.

<sup>19</sup> J.-L. Harouel, *Culture et contre-cultures*, Paris, 2002, pág. 53. Neste excelente ensaio (1.<sup>a</sup> ed. em 1994), aborda o autor, em sua crítica à «modernidade» na arte e à «contra-cultura», diversas problemáticas que, já desde os anos trinta do século transacto, foram objecto das atentas análises de Amorim de Carvalho.

<sup>20</sup> Note-se que nenhum destes crápulas fez qualquer tentativa para, por si, contestar os factos narrados e as acusações que lhes foram publicamente feitas por Amorim de Carvalho – pois bem sabiam, no íntimo, que sua acção era, para uma sã consciência, moralmente condenável, e que, se esboçassem o menor arremedo de defesa, seriam desancados e esfacelados pelo verbo impiedoso e justiceiro do impoluto fundador de «Prometeu» (vid. «Prometeu», Porto, vol. I, págs. 3-16, 97-115, 195-196, 281-282 ; vol. II, pág. 56 ; vol. III, pág. 169).

<sup>21</sup> Vid. *O fim histórico de Portugal* («Prefácio») e cf. o *Depoimento para a história crítica do modernismo em Portugal*, já citados.

<sup>22</sup> «A obra poética de Amorim de Carvalho. Brevíssima nota» in Amorim de Carvalho, *Angolana. Cântico ao meu Filho. Balada heróica da liberdade. (Três poemas inéditos)*, Prometeu, Porto, 1990.

<sup>23</sup> Vid. as considerações que a este respeito fizemos, a 11 de dezembro de 2001, em um extenso artigo que publicámos no jornal «O Dia», de Lisboa.

<sup>24</sup> Vid., de Amorim de Carvalho, entre outras obras, o *Depoimento para a história crítica do modernismo em Portugal*.

<sup>25</sup> Ester Rodrigues já há muitos anos era, quando faleceu em 2002, a única pessoa da sua família que possuía propriedades no dito lugar de Sapelos (vid. nosso estudo genealógico : *Uma ilustre família de Sapelos. Breves notas*, «Ecos de Boticas», Boticas, 15 de setembro de 1994 e números seguintes). Essas propriedades pertencem, hoje, ao seu filho único, Júlio António Rodrigues Amorim de Carvalho, autor destas *Achegas*.

<sup>26</sup> Vid. os abundantes documentos existentes no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho. Quanto à denominação do jôgo: bela palavra de formação híbrida (do lat., *domino* + *gramma*, do gr., «letra», «escrita»).

<sup>27</sup> Nas longas refeições – em que cada um ocupava lugar certo à mesa e em cujas cabeceiras presidiam, num lado, o irmão mais velho do escritor, e, no outro, a sua irmã – eram presentes, quase sempre, catorze ou quinze pessoas, mas frequentemente mais. Nunca, no entanto, se admitiu poder sentarem-se treze pessoas à mesa; não por superstição: é que se conservava assim a antiga tradição familiar lembrando a última ceia de Cristo onde, entre treze, houve um traidor. De tradição também, nunca se serviam lentilhas, alimento desprezível, reservado à gentilha sem rei nem roque, pois por elas vendera Isaú seu direito de primogenitura. De obrigação mesmo, é que se não consumia carne à sexta-feira, como mandava a Igreja. Nas grandes festas (no Natal e Ano novo, nas recepções e bailes de máscaras do Carnaval, na Páscoa, com a visita do padre e a bênção da casa), a residência dos Amorins de Carvalho, fôra ponto de reunião para os familiares mais chegados (como os Caldas de Matos) e para alguns amigos; os Matos Lobão vinham à Foz, nessas ocasiões, cumprimentar a família Amorim de Carvalho. São João, era para alegrar as mais jôvens gerações; lançavam-se grandes balões do quintal, que subiam até se perderem de vista ou para se incendiarem (como podia acontecer) nas alturas, à beira-mar. Esse ambiente festivo e patriarcal perdurou até à morte do nosso tio António Maria, naquela noite do verão de 1959 em que acordámos sobressaltado; o trágico acontecimento foi como que um manto de profunda tristeza caído irrevogavelmente sobre a família: durante as cerimónias fúnebres, fomos, nós as crianças, mandadas para a Quinta das Camélias, no lugar da Junqueira, em Vila do Conde. Era já o fim duma época.

<sup>28</sup> Nota para a história da firma Amorim & Amorim, Lda., litografia e latoaria em folha de Flandres. Esta firma, fundada na década de trinta do século passado, teve, durante dezenas de anos, suma importância na formação e na conservação das condições materiais de existência da família Amorim de Carvalho. Ficou mesmo ligada à vida literária portuguesa, pois algumas das obras do poeta e filósofo Amorim de Carvalho foram por ele próprio compostas, em tipografia privativa do escritor, nos locais da firma da qual era sócio; também os últimos números da revista «Prometeu» foram aí compostos, nas mesmas condições. – [...]

<sup>29</sup> Este caso está descrito no romance *A teia da aranha*, Lisboa, 1962, pág. 27. Cf. documentos no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho.

<sup>30</sup> Vid., no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho, os documentos relativos às intervenções e aos trabalhos do escritor no Conselho de Programas da Emissora Nacional de Radiodifusão.

<sup>31</sup> Referência, nestas últimas frases, sobretudo à Fundação Calouste Gulbenkian e ao seu presidente José de Azeredo Perdigão. Cf. documentos no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho.

<sup>32</sup> Vid. *A expansão internacional da cultura portuguesa como função permanente do Estado* («Prometeu», Porto, vol. IV, 1951-1952), projecto que desenvolvia «um plano» «para a expansão internacional da cultura portuguesa» que, «com menos amplitude», fôra, «há já bastante tempo», apresentado por Amorim de Carvalho e Manuel de Campos Pereira «ao Governo» português (sendo, no entanto, também inteiramente de Amorim de Carvalho a concepção e a redacção deste plano mais resumido); *Como tornar válida no mundo a cultura portuguesa?* («Diário de Lisboa», Lisboa, 27 de fevereiro de 1956); *Centre d'études et d'action pour la défense de l'homme*. Plano apresentado à Fundação Calouste Gulbenkian (maio de 1957); *A cultura portuguesa e os colóquios luso-brasileiros* («Diário de Lisboa», Lisboa, 2 de outubro de 1957). Um centro cultural português em Paris foi criado pela Fundação Calouste Gulbenkian (sem que o poeta e filósofo português

tenha sido chamado para nele colaborar), funcionando, naturalmente, com espírito sectário, com base nas *capelas* dominantes.

<sup>33</sup> Quando Fidelino de Figueiredo recebeu convite da Knowledge Universal Foundation (U. S. A., Califórnia) «para se incumbir de um capítulo de vasta obra em preparação, *The New Prophets Speak for the Man*», aquele pensador, por «falta de saúde, [...] Tentou propor um substituto, mas a distante Fundação nem tomou conhecimento da proposta e insistiu no seu primitivo convite». A este respeito, escreveu Amorim de Carvalho: «O Prof. Fid. de Figueiredo disse-me, depois, que indicara o meu nome» como seu substituto, «e que o tornaria a indicar «se eles insistissem» (15-8-964)» (vid. Fidelino de Figueiredo, *Símbolos & mitos*, 1964, «Addenda», págs; 191-192, e nota manuscrita de Amorim de Carvalho na margem inferior de um exemplar conservado na Biblioteca da Casa Amorim de Carvalho. Este exemplar tem extensa dedicatória manuscrita de F. de Figueiredo para Amorim de Carvalho onde fez referência ao futuro autor destas *Achegas*: «A Amorim de Carvalho, espírito multimodo – poeta e romancista, crítico e philosopho, typographo e desenhador, polemista e pae dum pimpôlho [etc.]. / Com um abraço amigo. / Fidelino de Figueiredo / 2. VIII. 64.». A obra *Símbolos & mitos* abre o «Epílogo» (pág. 177) com um extracto do poema *Biografia* de Amorim de Carvalho.

<sup>34</sup> Notas conservadas em volumes da Biblioteca e no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho.

<sup>35</sup> Secção D (Documentos diversos que pertenceram a José Maria Caldas de Matos Amorim de Carvalho), pasta 111 / D referente a *Autógrafos, manuscritos, textos ditados, dactilografados e impressos revistos (diversos autores)*.

<sup>36</sup> No Arquivo da Casa Amorim de Carvalho, conservam-se numerosos documentos relativos a este caso e, mais geralmente, à miséria moral que imperava na Sociedade Portuguesa de Escritores que acabaria por ser dissolvida, meses depois, pela autoridade pública. Cf., também, o prefácio de Amorim de Carvalho à sua obra *O fim histórico de Portugal*.

<sup>37</sup> Sobre a participação de Amorim de Carvalho neste Encontro, consulte-se o volume seguinte: *I Encontro de escritores de Angola realizado em Sá da Bandeira, de 19 a 27 de janeiro de 1963*, Sá da Bandeira, 1963, págs. 1 da capa (fotografia), 37, 39, 40, 106, 124 (fotografia), 127 (fotografia), 150, 165, 166, 185, 221, 225, 226, 228, 230 a 232, catalogado na Biblioteca da Casa Amorim de Carvalho. Cf., também, outros documentos no Arquivo da mesma Casa, e o artigo de Amorim de Carvalho *No I Encontro de escritores de Angola*, «Diário de Notícias», Lisboa, 28 de fevereiro de 1963.

<sup>38</sup> *Ensaio de uma caracterologia social. Reacção biotípica. (Na doença, no crime, na psicopatologia e na vida social)*, Porto, 1957.

<sup>39</sup> Catherine Axelrad, *Écrire comme Goya : Amorim de Carvalho*, in «Nouvelle Revue Française», Paris, n.º 477, outubro de 1992, pág. 74.

<sup>40</sup> Tese defendida perante um júri constituído pelos professores Jean Cassou, Étienne Souriau e o kantiano Mikel Dufrenne.

<sup>41</sup> Vid. a 2.ª edição portuguesa, publicada em 2000, do livro *O fim histórico de Portugal*. No original em francês desta obra (*La fin historique du Portugal*, cap. IV *in fine*), a respeito não só dos calabares que fizeram o golpe militar de 1974 e dos que se lhes associaram, mas referindo-se também aos outros que, *de facto*, o aceitaram, escreveu Amorim de Carvalho: «En réduisant abruptement le Portugal à un petit territoire dans la Péninsule Ibérique, en lui arrachant le monde géographique de sa mission culturelle et civilisatrice, les militaires traîtres ont provoqué le traumatisme national de sa démission *historique*, la fin de son existence *historique*, en bref la *fin historique* du Portugal. / Plusieurs partis politiques portugais se sont pleinement associés à la trahison : les partis communistes et le parti socialiste. Ils doivent être dûment stigmatisés. D'autres partis se sont pratiquement tus devant cette trahison : ils doivent être aussi dûment appelés au jugement de l'Histoire».

<sup>42</sup> Carta para Maria Isabel Guerra Junqueiro, escrita na Parede, datada de 5 de maio de 1962, cuja cópia dactilografada ela comunicou a Amorim de Carvalho, anexada à sua própria correspondência, escrita do Porto, com data de 18 do mesmo mês e ano (documentos originais conservados no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho).

<sup>43</sup> *Teoria geral da versificação. Volume I. A metrificação e a rima e Volume II. As estrofes, os sistemas estróficos e a história da versificação* (Lisboa, 1987), obra dada pelo Autor como pronta, no essencial, desde 1934: cf., da nossa autoria, *Amorim de Carvalho. No 1.º. Centenário do seu nascimento. (Síntese biográfica). Uma bibliografia sobre versificação* (primeira e desenvolvida bibliografia crítica dos estudos de Amorim de Carvalho sobre versificação publicada, em «Rhythmica. Revista espanhola de métrica comparada», Facultad de Filología, Sevilla, ano II, n.º 2, 2004) e *Nos 80 anos dos primeiros escritos sobre versificação. A teoria do ritmo verbal na obra de Amorim de Carvalho. Bibliografia crítica precedida de uma síntese biográfica* («Finis Mundi. A última cultura», Amadora, n.º 3, agosto-setembro de 2011).

<sup>44</sup> Cf. Carlos Reis, *O discurso ideológico do neo-realismo português*, Coimbra, 1983, págs. 30, 55, 56, 58, 59, 70, 90, 91, 112 a 114, 203, 204, 210, 223, 224.

---

<sup>45</sup> Vid. Artur Manso, «Introdução. Breves notas sobre a teoria estética e artística de Amorim de Carvalho» in Amorim de Carvalho, *Estética e teoria da arte. Organização: Júlio Amorim de Carvalho, Artur Manso*, Porto, 2004.

<sup>46</sup> Vid., de Pinharanda Gomes, sobretudo: *Amorim de Carvalho. Um positivismo de volição metafísica*, «Estudos», Coimbra, ano XL, fasc. VII, n.º 409, julho-férias de 1962, págs. 415 a 422 ; *Pensamento português*, vol. IV, Lisboa, 1979, cap. «Amorim de Carvalho e a filosofia portuguesa», págs. 221 a 228.

<sup>47</sup> É claro que num trabalho como este – resumo biográfico – não tivemos a intenção de evocar senão aspectos muito gerais da obra literária e filosófica de Amorim de Carvalho.

<sup>48</sup> Por exemplo, a explicação do histrionismo de Pessoa, do positivismo e do anti-sebastianismo de Bruno, da genialidade poética de Junqueiro, da dissolução do pensamento de Leonardo Coimbra, da mediocridade da obra de Botto, etc., etc.

<sup>49</sup> Vid. o original da carta no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho: «Documentos genealógicos diversos / José Maria Caldas de Matos Amorim de Carvalho / N.º 4 / [Amorim de Carvalho]. *Correspondência diversa*. Cf. também, de Amorim de Carvalho, o já citado *Depoimento para a história crítica do modernismo em Portugal*, onde se transcreveu parte daquela carta.

<sup>50</sup> A Casa Amorim de Carvalho, fundada pelo autor do presente estudo, está instalada num prédio tradicional do Porto que pertenceu ao tenente António Rodrigues (1882-1938) e a sua mulher Ilda dos Santos Dias (1894-1981), e, posteriormente, à sua filha Ester Rodrigues, esposa de Amorim de Carvalho, falecida em 2002; aquela Casa é, hoje, propriedade de Júlio António Rodrigues Amorim de Carvalho, filho único deste último casal.

<sup>51</sup> No entanto, uma sobrinha do escritor – Maria Alice Camossa Saldanha Amorim de Carvalho — tem-se recusado, demonstrando nisso ingratidão pela memória do tio, a ceder à Casa Amorim de Carvalho, os quadros de que se apropriou (por absurdos e ilegítimos enredos sucessórios abonados pela legislação burguesa) e que são, uns, da autoria de Amorim de Carvalho, sendo os outros, retratos do poeta Pinheiro Caldas e de membros da sua família. Um dos retratos de Pinheiro Caldas é mesmo dado como pertencendo a Amorim de Carvalho, em documento manuscrito de Carlos de Passos (documento conservado no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho) que assim reza em seu último parágrafo: «Esta miniatura, rigorosa de côr, está hoje na posse de Amorim de Carvalho» (cf., da nossa autoria, *Dois escritores portuenses. O poeta António Pinheiro Caldas e Amorim de Carvalho*, Porto, 2000, nota 36, págs. 46-47).

<sup>52</sup> Tomou a Câmara Municipal do Porto a resolução de apoiar e promover estas comemorações centenárias. Quis ser o organizador e coordenador do acontecimento – João Borges, de seu nome completo João Manuel Amorim de Carvalho Borges, espírito vigoroso e brilhante; homem de sensibilidade marcadamente aristocrática, pelo gosto requintado, pela força de vontade e firmeza de carácter, pela ligação afectivamente intensa à família na sua mais transcendente significação. Amorim de Carvalho tem nele um sincero e lúcido admirador; e um dos mais leais e eficazes defensores da sua memória: neste sentido, a calorosa acção deste sobrinho-neto do filósofo, é ímpar e comovente.

<sup>53</sup> Um lastimoso mas significativo caso editorial. – O original desta obra ficou, na década de oitenta do passado século, durante vários meses (em período e em condições que não podemos precisar), na posse de um editor portuense a quem fôra entregue, para publicação, por Ester Rodrigues (viúva do Autor). Não sendo editada nessa ocasião, e tendo-se, então, dado prioridade à edição de outras obras de Amorim de Carvalho, só muito mais tarde – em fevereiro de 1998 — confiámos esse trabalho, também para eventual publicação, por intermédio de António Braz Teixeira, à Imprensa Nacional-Casa da Moeda, de Lisboa, empresa pública na qual esse senhor exercia as funções de Presidente do conselho de administração. Sem qualquer resposta durante mais de sete meses por parte daquela entidade, e sendo infrutíferas as nossas inúmeras tentativas para falar com A. B. Teixeira, – resolvemos pedir a devolução da obra que (soubémo-lo então), «Na sequência da recomendação do Conselho Editorial» daquela instituição, fôra desterrada da pátria para os Açores com o fim de ser submetida à «análise» de «um especialista» (um certo Machado Pires) – que ridículo! – residente nesse remotíssimo arquipélago! *Dos trovadores ao Orfeu* foi, então, proposto a Paulo Samuel, que aceitou o original para publicação pela editora Caixotim (do Porto) que representava, tendo ele chegado a entregar as primeiras provas impressas, ao autor desta nota, e procedendo este, como combinado, à revisão; devolvidas elas ao representante da Caixotim, passaram-se, afinal, anos sem que, também agora, se desse seguimento à publicação desta obra (e recusando-se P. Samuel a devolver-nos a obra impressa e por nós revista). Esta miséria de pseudo-elites ou elites decaídas que *ocupam* o terreno, e moralmente o poluem, haveria de ser confirmada, mais tarde, quando o mesmo editor – depois de prometer o contrato para a re-edição de *Deus e o Homem na poesia e na filosofia*, e depois de ter recebido de volta as provas impressas, que nos enviara, já por nós revistas – se recusou também a publicar esta obra de Amorim de Carvalho. Mas as tormentas continuaram a assediá-lo: após as comemorações do 1.º centenário do nascimento de Amorim de Carvalho, em 2004, António Marcelino Valente solicitara ao Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, para a sua editora Estratégias Criativas, do Porto, uma subvenção de apoio à edição deste notável estudo inédito; em 2008, foi esse pedido de subvenção rejeitado

---

(como prevíamos, e o disséramos, aliás, ao editor) por aquele organismo estatal com sede em Lisboa; e A. M. Valente, depois de se ter comprometido a recuperar imediatamente a cópia do original que ele entregara àquele Instituto, para no-la devolver, não fez uma coisa nem outra, permanecendo, portanto, o texto inédito, por desmesurado tempo, no seio dos serviços administrativos daquele estabelecimento público, sem, também agora, qualquer garantia de confidencialidade. – Estamos, pois, já, perante a generalização, a toda uma sociedade, da falta de carácter, representando a degradada situação moral e mental, dum época, neste território português – com suas nefastas origens e repercussões inevitáveis nos domínios do político, do social, do económico, do cultural, etc. Mas, tomando apenas em consideração o caso concreto do autor dos *Trovadores ao Orfeu*, há também uma outra e, afinal, sempre a mesma moral da história: não tendo pertencido às *oficinas* de propaganda, nem a *escolas* e *capelas*, de orientação naturalmente sectária, – homem elite pela independência intelectual e pelas características mesmas da sua inteligência –, foi e é Amorim de Carvalho vítima da mentalidade gregária dum cultura-massa que tem predominado no país – e nesse vasto magma indiferenciado de pseudo-elites e elites decaídas vem encontrando, conseqüentemente, a Obra do ilustre pensador um meio particularmente hostil, ou indiferente, à sua divulgação. – Finalmente diremos que esta nota tem também o objectivo de levar aos críticos, historiadores e analistas literários, a seguinte informação: as condições em que a cópia do manuscrito de *Dos trovadores ao Orfeu*, ainda inédito, ficou a ser do conhecimento de certas pessoas, de alguns burocratas, editores e literatos portugueses que terão podido facultá-la, durante largo tempo, para leitura, a outros; não excluimos, conseqüentemente, a possibilidade desta obra de Amorim de Carvalho ter exercido influências e sugestões, aqui e ali, e ter mesmo suscitado teses totalmente ou parcialmente dela retomadas, plagiadas, ou nela inspiradas. – *Dos Trovadores ao Orfeu* foi publicado nos primeiros dias do mês de junho de 2012.